

# DESTERRITORIALIZAÇÃO DO “EU” EM CONTOS DE CAIO FERNANDO ABREU

Gabrielle da Silva FORSTER\*  
Vera Lúcia Lenz Vianna da SILVA\*\*

- **RESUMO:** A subjetividade que se figura ficcionalmente na obra de Caio Fernando Abreu não pode ser compreendida na forma de um Cogito cartesiano, pois ela expressa uma experiência subjetiva e modos de subjetivação específicos que não se referem a um sujeito pessoal, mas à maneira que uma determinada relação de forças produz a curvatura. Sendo assim, o conceito deleuziano de dobra é uma importante ferramenta para compreender a experiência subjetiva que se ficcionaliza na obra do escritor. Como na sua produção artística, a imagem clássica de sujeito universal é substituída pela de pensamento-acontecimento, no qual o exterior é inseparável do interior, o movimento que se processa em seus contos inclui a interpenetração do dentro e do fora, podendo por isso colocar-se contra o aparelho de Estado. É no intuito de compreender a produção artística do escritor como máquina de guerra que pretendo analisar alguns de seus contos, nos quais os personagens se aproximam dos visionários indicados por Deleuze e Guattari: percebem o intolerável em uma situação e abrem assim um novo campo de possíveis.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Caio Fernando Abreu. Dobra deleuziana-guattariana. Contos.

A noção de subjetividade que se figurará ficcionalmente nos textos de Caio Fernando Abreu rompe com a identidade clássica de sujeito universal e deve ser pensada não como identidade atemporal; identidade una e absoluta do sujeito, na perspectiva de um idealismo subjetivista como é colocada inicialmente por Descartes e ratificada por Kant, mas como diferença, alteridade e multiplicidade, construída na interação com o mundo e com os outros, posto que o indivíduo que emerge na

---

\* Doutoranda em Estudos Literários – UFMS – Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação em Letras. Santa Maria – RS – Brasil. 97105-900- babiforster@ig.com.br

\*\* UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação em Letras. Santa Maria – RS – Brasil. 97105-900 – lenzvl@gmail.com

Artigo recebido em 26 de Junho de 2011 e aprovado em 19 de Setembro de 2011.

narrativa do escritor não é uma estrutura-ego, mas sim um Cogito partido, uma subjetividade múltipla, fragmentada e descentrada, que se produz na interação com o Fora. Sendo assim, o conceito deleuziano de dobra é uma importante ferramenta para compreender a experiência subjetiva que se ficcionaliza nos textos de Caio, já que permite problematizar tanto a subjetividade enquanto aspecto existencial e interior, quanto os processos de subjetivação, produzidos na interação com o exterior, o lugar e o momento histórico específicos. Como afirma Eduardo A. Vidal (2000, p.480-481, grifo do autor),

[...] com Foucault, Deleuze recorre à topologia para pensar o outro como exterioridade: “a vida, o trabalho, a linguagem surgem no início como forças finitas exteriores ao homem e que lhe impõe uma história que não é a sua. É num segundo momento que o homem se apropria desta história, e faz de sua própria finitude um fundamento”. Esse segundo tempo, o da apropriação do Outro, se realiza como topologia da dobradura (*doublure*) e da dobra (*pli*). O espaço de subjetivação se constitui pela prega (*plissement*) do fora. É do fora (*dehors*), como limite, que o ser se prega, sendo a relação a si homóloga a relação com o fora, onde, à maneira do traço barroco, “a dobra infinita” separa, passa entre o interior e o exterior.

Ao dobrar-se na relação com o fora o ser se individua e expressa um mundo possível, que não corresponde ao melhor dos mundos de Leibniz, mas abre muitas “janelas” onde passam também devires impossíveis, outros mundos, outras vidas, outras histórias, pois na perspectiva deleuziana, o Cronos contínuo será perpassado insistentemente por Aion, tempo do rizoma em que se entra por todos os lados, posto que ele “[...] não acreditava num tempo uniforme, absoluto, porém, em infinitas séries de tempos, numa rede crescente e vertiginosa de tempos diversos, convergentes e paralelos” (PELBART, 2000, p.87). No entanto, embora Deleuze proponha na linha dos neobarrocos uma “nomadologia”, afirmando que é necessário recusar “[...] a regra de Leibniz segundo a qual os mundos possíveis não podem ser trazidos à existência caso sejam impossíveis com aquele que Deus escolhe” (PELBART, 2000, p.87) ele insiste na ideia de que permanecemos leibnizianos. “Descobrimos novas maneiras de dobrar, assim como novos envoltórios, mas permanecemos leibnizianos, porque se trata sempre de dobrar, desdobrar, redobrar.” (DELEUZE, 2009, p.228).

O processo de escrita de Caio Fernando Abreu pode ser considerado em muitos aspectos como produção autoficcional, na medida em que suas vivências pessoais, em muitos de seus textos, acabam por ser transformadas em matéria literária. Por este motivo, sua ficção é atravessada pelo contexto sócio-histórico em que o próprio escritor está inserido e que no aspecto global abarca o mundo tardo-moderno, norteado pelos códigos do capitalismo e pela lógica da globalização, e no brasileiro específico apreende em uma parte de sua produção o período de ditadura que se

instalou no país. Mas embora seja possível estabelecer esta relação intrínseca entre vida e obra, ficção e realidade, o que importa nesta análise não é a identidade de Caio e a relação que este estabelece com a vida, com o mundo, com os outros, já que “[...] escrever não é contar as próprias lembranças, suas viagens, seus amores e lutos, sonhos e fantasmas” (DELEUZE, 1997, p.11), mas sim, a singularidade que se figurará no universo ficcional do escritor. Neste, se expressa uma experiência subjetiva e modos de subjetivação específicos que não se referem a um sujeito pessoal, mas à maneira que uma determinada relação de forças produz a curvatura; a dobra, a prega, pois é necessário

[...] não acreditar que basta distinguir massa e grupos exteriores dos quais alguém participa ou a que pertence e conjuntos internos que ele envolveria em si. A distinção não é absolutamente a do exterior e do interior, sempre relativos e cambiantes, intervertíveis, mas a dos tipos de multiplicidades que coexistem, se penetram e mudam de lugar – máquinas, maquinismos, motores e elementos que intervêm em dado momento para formar um agenciamento produtor de enunciado. (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p.49-50).

O que Deleuze e Guattari (1995a) colocam a seguir sobre Kafka em seu livro rizomático *Mil platôs*, no intuito de exemplificar a idéia apresentada anteriormente por eles e citada acima, pode ser estendido à ficção de Caio: seus personagens são inseparáveis ao mesmo tempo do signo das máquinas sociais que são as suas e as de Caio (não as mesmas), “[...] e das partículas, das pequenas máquinas moleculares, de todo o estranho devir, do trajeto” (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p.50) que Caio vai fazer e fazer suas personagens fazerem através do seu processo de escrita. “Não existe enunciado individual, nunca há. Todo enunciado é o produto de um agenciamento maquínico, quer dizer, de agentes coletivos de enunciação”<sup>1</sup> (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p.51). Mesmo quando falamos e acreditamos falar em nosso nome produzimos o enunciado. O nome próprio não se refere a nós enquanto indivíduos, mas às multiplicidades que nos atravessam e que acabam por ser apreendidas num instante, no qual nos despersonalizamos, nos multiplicamos. Não produzimos enunciados pessoais, mas agenciamentos maquínicos de enunciação; o nome próprio assume aqui o que nega: ele despersonaliza-se para fazer passar não as vozes de um, mas a de muitos neste um, produzidas pelos espaços intermediários entre conteúdo e expressão: “as variáveis do agenciamento” (DELEUZE; GUATTARI,

---

<sup>1</sup> Segundo Deleuze e Guattari (1995a, p.51) por agentes coletivos de enunciação “[...] não se deve entender povos ou sociedades, mas multiplicidades”. De acordo com eles, essas multiplicidades são “[...] de vários tipos: máquinas humanas, sociais e técnicas, molares organizadas; máquinas moleculares, com suas partículas de devir-inumano; aparelhos edipianos (*pois sim, claro, existem enunciados edipianos, e muitos*); aparelhos contra-edipianos, de marcha e funcionamento variáveis.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p.50, grifo do autor).

1995b, p.33) no seu eixo horizontal<sup>2</sup>. Como aponta Sueli Rolnik (2000, p.453), a subjetividade em Deleuze e Guattari,

[...] não é dada; ela é objeto de uma incansável produção que transborda o indivíduo por todos os lados. O que temos são processos de individuação ou de subjetivação, que se fazem nas conexões entre fluxos heterogêneos, dos quais o indivíduo e seu contorno seriam apenas uma resultante. Assim, as figuras da subjetividade são por princípio efêmeras, e sua formação pressupõe necessariamente agenciamentos coletivos e individuais.

No segundo volume de *Mil Platôs* os autores nos colocam que toda a linguagem pressupõe um marcador de poder, uma função coextensiva a ela: a palavra de ordem, na qual há sempre uma sentença de morte. E que toda a linguagem é discurso indireto, “[...] a presença de um enunciado relatado em um enunciado relator, a presença de uma palavra de ordem na palavra de ordem” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.23), pois falamos o que ouvimos e não o que vimos; a linguagem é comunicativa e não informativa. Nesse sentido, o discurso direto é extraído do indireto, é um “[...] fragmento de massa destacado, e nasce do desmembramento do agenciamento coletivo; mas este é sempre como o rumor onde coloco o meu nome próprio, o conjunto de vozes concordantes ou não de onde tiro minha voz” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.23). Ele resulta de um discurso indireto livre que nos percorre e que não depende apenas do *socius* aparente, do qual fazemos parte, porque implica também e sempre, “[...] um agenciamento de enunciação molecular, que não é dado em minha consciência” e que muitas vezes vem de outras épocas, de “[...] outros mundos, de outros planetas” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.23-24).

O estilo surge quando colocamos a língua “em variação contínua”, ou seja, quando fazemos “[...] passar o enunciado por todas as variáveis – fonológicas, sintáticas, semânticas, prosódicas – que podem afetá-lo no mais breve instante de tempo” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.37). E o essencial, segundo Deleuze e Guattari (1995b, p.42), é que cada autor “[...] tenha seu procedimento de variação, seu cromatismo ampliado, sua louca produção de velocidades”, que ele seja gago de sua própria língua, um estrangeiro em sua própria língua, que ele saiba “conquistar a língua maior para nela traçar línguas menores ainda desconhecidas. Servir-se da língua

---

<sup>2</sup> O eixo horizontal do agenciamento “[...] comporta dois segmentos: um de conteúdo, o outro de expressão. Por um lado, ele é *agenciamento maquínico* de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; por outro lado, *agenciamento coletivo de enunciação*, de atos e de enunciados, transformações incorporadas sendo atribuídas aos corpos”. No eixo vertical “o agenciamento tem, de uma parte, *lados territoriais* ou reterritorializados que o estabilizam e, de outra parte, *picos de desterritorialização* que o arrebatam.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.29, grifo do autor).

menor<sup>3</sup> para “por em fuga” a língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.51). O minoritário aparece aqui como a outra face do majoritário, constante e homogêneo; ele é o “[...] devir potencial de todo o mundo, seu devir potencial por desviar do modelo”, já que a “[...] maioria, na medida em que é analiticamente compreendida no padrão abstrato, não é nunca alguém, é sempre Ninguém” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.52). Ele não se refere especificamente ao discurso das minorias, embora possa e deva passar por ele, mas sim ao “devir potencial e criado, criativo” porque há:

[...] uma figura universal da consciência minoritária, como devir de todo o mundo, e é esse devir que é criação. Não é adquirindo a maioria que se o alcança. Essa figura é precisamente a variação contínua, como uma amplitude que não cessa de transpor, por excesso e por falta, o limiar representativo do padrão majoritário. Erigindo a figura de uma consciência universal minoritária, dirigimo-nos a potências de devir que pertencem a um outro domínio, que não o do Poder e da Dominação (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.53).

De acordo com a filosofia deleuziana-guattariana, na tentativa de deixar passar este devir é preciso utilizar, conjugar e conectar muitos elementos de minoria e não é apenas pelo fato de nos colocarmos em uma esfera que a abarca que o produzimos, pois dentro desses discursos há sempre o risco de cair em microfascismos que acabarão por pressupor, novamente, um estado de poder. É preciso desenvolver a “potência de fuga”, “o grito de alarme” que é o outro componente da palavra de ordem ao lado da sentença de morte que ela sempre implica. É a variação contínua que cartografa essa linha de fuga. Através dela respondemos a resposta da morte, “não fugindo, mas fazendo com que a fuga aja e crie” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.58). Para que isso ocorra será necessário traçar um corpo sem órgãos: “[...] encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.11). No CsO a experimentação substitui a interpretação, por isso só podemos encontrá-lo ao retirar todo o conjunto de significâncias e de subjetivações<sup>4</sup>. O corpo sem órgãos é o “campo da imanência do desejo”, “conexão de desejos”, desejo. Nele só circulam intensidades<sup>5</sup>. Os sentimentos, as ações e as recordações são substituídas por “cores, sons, devires e intensidades” porque ele “[...] não é espaço e nem está no espaço, é matéria que ocupará o espaço em tal ou qual grau – grau que corresponderá

<sup>3</sup> “‘Maior’ e ‘menor’ não qualificam duas línguas, mas dois usos ou funções da língua.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.50, grifo do autor). “Cada um deve encontrar a língua menor, dialeto ou antes idioleto, a partir do qual tornará menor sua própria língua maior.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.51).

<sup>4</sup> “O CsO é o que resta quando tudo foi retirado. E o que se retira é justamente o fantasma, o conjunto de significâncias e subjetivações.” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.12).

<sup>5</sup> “Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam.” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.13).

às intensidades produzidas. Ele é matéria intensa e não formada, não estratificada [...] matéria igual à energia.” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.13).

E sua produção não implica na ruptura com os estratos<sup>6</sup>, o que resultaria ao contrário em sua perda, mas sim na conexão com estes, na experimentação destes de forma que se possa então liberar linhas de fuga, movimentos de desterritorialização. Esse fluxo no corpo sem órgãos é anticartesiano, ultrapassa a consciência e a identidade e por isso implica também a necessidade de desfazer o rosto e escapar às rostificações porque:

[...] quando o rosto desaparece, quando os traços de rostidade somem, podemos ter certeza de que entramos em outro regime, em outras zonas infinitamente mais mudas e imperceptíveis onde se operam os devires-animais, devires-moleculares-subterrâneos, desterritorializações noturnas que transpõe os limites do sistema signifiicante (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.66).

A máquina abstrata de rostidade não pertence a todas as sociedades como exemplificam os autores ao referirem-se aos primitivos<sup>7</sup>, mas algumas, como a nossa, têm a necessidade de rostificar, cifrar. O rosto é político e tem como função a binarização, que sempre implicará um paradigma de poder, no qual um dos lados domina o outro, seja este outro o aluno, a mulher, o não-branco, a criança, o homossexual, o pobre, etc. Além disso, o rosto deve ser aceito, deve passar na seleção, caso contrário é rejeitado e considerado apenas enquanto desvio. Um bom exemplo citado pelos autores é o caso do travesti, que não é homem nem mulher, mas como precisa ser reconhecido, catalogado de alguma forma, passa a se inserir nesta categoria, algumas vezes sob o signo da tolerância, outras não. Nesse sentido, “introduzimo-nos em um rosto, mais do que possuímos um” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.44), escolhemos o que podemos ser entre as escolhas disponíveis. E a linguagem como porta-voz do rosto será sempre acompanhada por traços de rostidade assim como o rosto sempre recapturará os signos significantes. “O rosto é uma política” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.50) e por isso escapar a ele também o seria. Mas como fazê-lo? A resposta deleuziana-guattariana é de que para isso

[...] são necessários, sem dúvida, todos os recursos da arte e da mais elevada arte. É necessário toda uma linha de escrita, toda uma linha de picturalidade, toda uma linha de musicalidade... Pois é pela escrita que nos tornamos animais, é pela cor que nos tornamos imperceptíveis, é pela música que nos tornamos

<sup>6</sup> De acordo com Deleuze e Guattari (1996) os três estratos que mais nos amarram são o organismo, a significância e a subjetivação.

<sup>7</sup> Sobre esta questão ver Deleuze e Guattari (1996, p.42).

duro e sem recordação, ao mesmo tempo animal e imperceptível: amoroso. Mas a arte nunca é um fim, é apenas um instrumento para traçar as linhas de vida, isto é, todos esses devires reais, que não se produzem simplesmente *na* arte, todas essas fugas ativas, que não consistem em fugir *na* arte, em se refugiar na arte, essas desterritorializações positivas, que não irão se reterritorializar na arte, mas que irão, sobretudo, arrastá-la consigo para as regiões do a-significante, do a-subjetivo e do sem-rostro (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.57, grifo do autor).

Mas os autores nos advertem: não se trata de retornar “[...] às semióticas pré-significantes e pré-subjetivas dos primitivos” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.58), isso não é possível, seria “ricochetear no muro”. É dentro de nossa sociedade, da máquina social de rosto da qual ela tem necessidade, que devemos nos movimentar, traçar linhas de fuga criativas que nos permitirão alcançar novas possibilidades de vida que desejam acontecer. Esse é papel do vidente ou do visionário para Deleuze: ele

[...] não é aquele que antevê o futuro; ao contrário, ele não vê ou não prevê, para si, nenhum futuro. O vidente apreende o intolerável em uma situação; ele tem visões, entendamos, aí, percepções em devir ou perceptos, que colocam em xeque as condições usuais da percepção, e que envolvem uma mutação afetiva. A abertura de um novo campo de possíveis está ligada a estas novas condições de percepção: o exprimível de uma situação irrompe, bruscamente (ZOURABICHVILI, 2000, p.340).

Segundo Deleuze e Guattari (1996), há três linhas que nos atravessam; linhas estas já apontadas por Fitzgerald: a linha molar de segmentaridade dura, a linha molecular de segmentação maleável e a linha de fuga – de ruptura, criativa e não segmentar. Somos compostos por todas essas linhas. Elas nos atravessam, nos compõe, “compõe nosso mapa”; estão inscritas no CsO e penetram-se constantemente. Toda a subjetividade é atravessada por uma dimensão molecular, ou seja, “processos infrapessoais”, devires, movimentos, intensidades, fluxos, e por uma dimensão molar, que implica a relação com o *socius*, o Fora, o mundo das formas e das representações. Estas dimensões coexistem uma na outra e por isso não podem ser separadas, “[...] o molecular, como processo, pode nascer no macro. O molar pode se instaurar no micro” (GUATTARI; ROLNIK, 2007, p.150). Os centros de poder se encontram nas duas linhas porque toda “a política é ao mesmo tempo *macropolítica* e *micropolítica*” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.90, grifo do autor), como já havia observado Foucault. Da mesma forma, os miniprocessos de desejo que se configuram a nível molecular são capturados pelo molar, o que fica claro em nossa sociedade capitalista, que investe na personalização. Entre essas duas percepções e conectando-se com

elas é possível traçar uma terceira: “a percepção de fuga”; linha na qual atingimos um *quantum*, nos tornamos “clandestinos”, traçamos nossos próprios territórios – desterritorialização.

O papel da esquizoanálise proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996, p.78) é destacar estas linhas, “[...] que tanto podem ser as de uma vida, de uma obra literária ou de arte, de uma sociedade, segundo determinado sistema de coordenadas mantido”. Ela rompe com todas as explicações e psicanalizações e nos convida a fazer rizoma, a experimentar, romper os clichês, criar nossas próprias linhas, inventar, agenciar multiplicidades, molares, moleculares, “toda uma galáxia” que nos habita e que habitamos. Essas linhas não são traçadas em uma identidade, mas no acontecimento, porque na filosofia deleuziana-guattariana o “eu” passa a ser o que transborda na dobra, o efeito da dobradura, e a noção de subjetividade é substituída pela de *hecceidade*, que de acordo com os autores é

[...] um modo de individuação muito diferente daquele de uma pessoa, um sujeito, uma coisa ou uma substância [...]. Uma estação, um inverno, um verão, uma hora, uma data têm uma individualidade perfeita, à qual não falta nada, embora ela não se confunda com a individualidade de uma coisa ou de um sujeito. São hecceidades, no sentido de que tudo aí é relação de movimento e de repouso entre moléculas ou partículas, poder de afetar e ser afetado (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p.47).

A individuação de uma vida se dá pela composição de hecceidades, que só possuem velocidades e lentidões, latitude e longitude<sup>8</sup>, movimentos e repousos, afectos, fluxos. Elas são *intermezzo*, rizoma. Seu tempo é o do acontecimento, Aion, “[...] na sua lógica não dialética, impessoal, impassível, incorpórea” (PELBART, 2000, p.89). Tempo flutuante, atravessando constantemente Cronos. As hecceidades marcam “[...] potencialidades de devir no seio de cada agenciamento” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p.50) e “[...] cantar ou compor, pintar ou escrever não têm talvez outro objetivo: desencadear esses devires” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p.63). “Todo devir é um devir-minoritário” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p.87), o que não quer dizer que ele seja formado por minorias, pois ele é processo e não conjunto ou estado. Ele é sempre componente de desterritorialização e numa minoria acabamos por nos reterritorializar enquanto estado, nos sentimos parte de um conjunto. O devir rompe com toda a binarização ao passo que não pressupõe um equilíbrio entre dois lados (ou seja, desequilíbrio). Ele não vai de uma ponta a outra, mas produz movimento, fazendo com que “aquilo em que nos tornamos” entre “num devir tanto

---

<sup>8</sup> “A latitude é feita de partes intensivas sob uma capacidade, como a longitude, de partes extensivas sob uma relação” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p.42).



quanto aquilo que se torna” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p.107). Além disso, “[...] contrariamente à história, o devir não se pensa em termos de passado e futuro. Um devir revolucionário permanece indiferente às questões de um futuro e de um passado da revolução; ele passa entre os dois” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p.89). Escrever é um devir,

[...] é um caso de devir sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria visível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir imperceptível (DELEUZE, 1997, p.11).

Segundo a filosofia deleuziana–guattariana, só não entramos no devir-Homem porque ele é a constante e o que o devir produz é a variação contínua, ele é revolucionário, é linha de fuga, que nos permite escapar ao modelo de representação dominante que visa à homogeneização. É instrumento das ciências nômades, ambulantes, cujo objetivo é seguir, buscar a variação contínua das variáveis, e não reproduzir, como ocorre nas ciências régias. Os pensadores da ciência nômade (sejam eles artistas, filósofos, etc.) se movem em um “espaço liso”, que devem “[...] ocupar sem poder medi-lo, e para o qual não há método possível, reprodução concebível, mas somente revezamentos, *intermezzi*, relances [...]”. Onde quer que habitem é o deserto ou a estepe. Eles destroem a imagem” (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p.46-47) e seus pensamentos podem ser vistos como máquinas de guerra que invocam um povo por vir e se colocam contra o aparelho de Estado. Pretendem romper com a imagem clássica do pensamento<sup>9</sup> e propor

[...] um pensamento às voltas com forças exteriores em vez de ser recolhido numa forma interior, operando por revezamento em vez de formar uma imagem, um pensamento-acontecimento, hecceidade, em vez de um pensamento sujeito, um pensamento-problema no lugar de um pensamento essência ou teorema, um pensamento que faz apelo a um povo em vez de se tomar por ministério (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p.48).

O que importa para o povo nômade e conseqüentemente para o pensamento nômade é o trajeto; sua vida é *intermezzo*, não deve ser compreendida na ligação

---

<sup>9</sup> “A imagem clássica do pensamento “opera com dois ‘universais’, o Todo como fundamento último do ser ou horizonte que o engloba, o Sujeito como princípio que converte o ser em ser para-nós”. Já o pensamento nômade “[...] não recorre a um sujeito universal, mas, ao contrário, invoca uma raça singular; e não se funda numa totalidade englobante, mas, ao contrário, desenrola-se num meio sem horizonte, como espaço liso, estepe, deserto ou mar” (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p.49, grifo do autor).

de um ponto ao outro, mas no caminho, na trajetória que se dá no deslocamento, o que não implica necessariamente movimento, pois o “nômade é antes *aquela que não se move*” (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p.52, grifo do autor). Ele é o “Desterritorializado por excelência” porque nele “[...] a reterritorialização não se faz *depois*, como no migrante, nem em *outra coisa*, como no sedentário”, ao contrário, “ele se reterritorializa na própria desterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p.53, grifo do autor). Sendo assim, “[...] o pensamento nômade se põe de acordo com a neutralidade da vida e com a metamorfose através do exercício resistente em que se abandona o que se é” (BADIOU, 2000, p.164). Essa é a única maneira de escapar à produção de subjetividade imposta pelo sistema: abandonar nomadicamente o território e o que foi territorializado, traçar linhas de fuga, mergulhar em devires, deixar-se compor por hecceidades, construir para si um corpo sem órgãos, romper com a máquina social de rosto, singularizar-se<sup>10</sup> A vida está no movimento oriundo dela e o ser no processo de dobras produzidas no trajeto, já que como aponta Alain Badiou (2000, p.159, grifo do autor),

Esse é o sentido profundo de uma máxima metódica sobre a qual ele [Deleuze] não deixa de insistir: tomar as coisas *pelo meio*; não tentar achar primeiro uma das pontas, para depois ir até a outra. Não. Agarrar o meio, porque o sentido do percurso não é fixado segundo um princípio de ordem, ou de sucessão; ele é fixado pela metamorfose movente que atualiza uma das extremidades na que é aparentemente a mais disjuntiva. É o que se poderia chamar o método anticartesiano.

“Não há linha reta, nem nas coisas nem na linguagem. A sintaxe é o conjunto dos desvios necessários criados para revelar a vida nas coisas” (DELEUZE, 1997, p.12) e o papel da literatura é deixar-se atravessar por um devir-outro da língua<sup>11</sup>, invocar um “povo que falta”, colocando-se contra o aparelho de Estado e atuando assim, como máquina de guerra. Ela é perpassada por “Visões e Audições que já não pertencem à língua” e que “não são fantasmas, mas verdadeiras Idéias que o escritor vê e ouve nos interstícios da linguagem” (DELEUZE, 1997, p.16). E assim deve ser visto o “mundo” dos contos de Caio Fernando Abreu, “[...] mundo de uma desesperada

---

<sup>10</sup> “A *subjetividade* está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização” (GUATTARI; ROLNIK, 2007, p.42).

<sup>11</sup> Segundo Deleuze (1997, p.15) “[...] a literatura traça uma espécie de língua estrangeira, que não é uma outra língua, nem um dialeto regional redescoberto, mas um devir-outro da língua, uma minoração dessa língua maior, um delírio que a arrasta, uma linha de feitiçaria que foge ao sistema dominante”.

busca, onde as palavras se procuram no escuro e no silêncio como mãos que raramente (tão raramente, meu Deus) se encontram e se separam em meio do vazio. Da solidão” (TELLES, 2001, p.13).

A ficção de Caio Fernando Abreu é atravessada por devires, por linhas de fuga traçadas por personagens-hecceidades, que se formam na dobra oriunda de uma relação de forças que se produz no movimento de um momento, de um acontecimento. Nela é possível reconhecer linhas de segmentaridade dura na qual os “sujeitos”, os relacionamentos e os conjuntos molares (Estados, instituições, classes) são segmentarizados, previstos, controlados. Mas também é possível cartografar linhas moleculares, de fluxos e de intensidades e linhas de fuga onde o território previsto é desterritorializado no intuito de traçar um território próprio. Nesse sentido, surge nos textos do escritor observadores de visão ampla, intitulados por Deleuze e Guattari (1996, p.74, grifo do autor) como vigilantes telescópios e que segundo os autores:

[...] têm uma luneta refinada e complexa. Mas certamente não são chefes. E vêem uma coisa totalmente diferente do que os outros. Vêem toda uma micro-segmentaridade, detalhes de detalhes, “tobogã de possibilidades”, minúsculos movimentos que não esperam para chegar às bordas, linhas ou vibrações que se esboçam bem antes dos contornos [...]. Todo um rizoma, uma segmentaridade molecular que não se deixa sobrecodificar por um significante como máquina de recortar, nem mesmo atribuir a uma determinada figura, determinado conjunto ou determinado elemento

Essa ótica está presente em toda a produção artística de Caio, cujos personagens podem ser vistos como alteridades, já que por meio de seus discursos, o “outro”, o “diferente”, o “estranho” se faz presente no texto, escapando à rostidade, ou seja, à máquina social de rosto. Porém, em *O ovo apunhalado* (ABREU, 2001), ela torna-se temática central em alguns<sup>12</sup> dos contos incluídos nesta coletânea, sendo revelada como única alternativa possível de, no mínimo, tatear um encontro além das representações. Essa nova forma de ver é revelada por seres fantásticos, geralmente híbridos, assexuados, e vindos de outras esferas com a missão de que esta verdade se revele:

[...] você pode se recusar a ver, o tempo que quiser: até o fim da sua maldita vida, você pode recusar, sem necessidade de rever seus mitos ou movimentar-se do seu lugarzinho confortável. Mas a partir do momento em que você vê, mesmo involuntariamente, você está perdido: as coisas não voltarão mais a ser as mesmas e você próprio já não será o mesmo (ABREU, 2001, p.66).

---

<sup>12</sup> Também poderiam ser citados os contos “O afogado” e “Cavalo branco no escuro” ambos incluídos em *O ovo apunhalado* (ABREU, 2001).

É claro que a alusão a este “ver” não se refere ao sentido visual e sim, a uma compreensão e consciência crítica de si mesmo e da vida que permite enxergar além do que está imposto e exposto nos eventos externos. Por isso, por trás desta ideia está fortemente ancorada a crítica tanto ao sistema quanto aos participantes deste, que aceitam sem questionar valores e ideologias oferecidos e vendidos todos os dias, principalmente pela mídia. O que o narrador nos coloca é que talvez seja mais fácil vestir uma roupa, uma máscara, destas vendidas e aceitas socialmente, porém só a partir do momento em que começamos a nos questionar é que somos capazes de alargar o horizonte de expectativa em que estamos inseridos. Neste conto, intitulado “Eles”, o narrador descobre essa verdade após entrar no bosque com o menino que encontrou os três seres sem sexo, flutuantes e de olhos enormes de luz. Quando eles reaparecem, apenas o menino é tocado, pois o narrador não está preparado ainda. Mas ele revela que muitos, como aquele menino, que já não é o mesmo após o ocorrido, trazem a marca e

[...] os que trazem a marca, mesmo que não saibam dela, esses olham as coisas com olhar de sangue. Os que sabem da marca ganham uma luz estranha e uma lentidão e um jeito de quem sabe todas as coisas. Os outros todos olham todas as coisas com um olhar torvo. Os outros são escuros, estúpidos, pobres. Os outros não sabem (ABREU, 2001, p.64).

A vila não sabia. Após o fogo se alastrar, começando pela casa do prefeito, o que indica a necessidade de romper com o território existente e com o centro de poder atuante, os habitantes saem atrás dos três seres, os encontram e tapando o nariz para não serem estonteados pelo perfume que exalavam, conseguem aprisioná-los e os queimam na fogueira. Depois disso, nunca mais conseguem ser os mesmos e passam as noites olhando para o céu atrás de luzes estranhas; não porque lembram, mas apenas porque “foram despertados para o oculto” (ABREU, 2001, p.71). Apenas o narrador sabe do que aconteceu, porque antes que eles tivessem virado cinzas consegue tocá-los, permitindo que a luz dos pulsos deles penetrasse em seu sangue. Agora passa seus dias sentindo ódio pela incompreensão dos habitantes daquele lugar que “não souberam entender que haviam sido escolhidos” e por isso “ficarão perdidos na treva da insatisfação até o fim de seus dias” (ABREU, 2001, p.71). Espera que o ódio cresça até se tornar insuportável para então deixar o sangue sair e nos adverte “cuidado: eles estão aqui: à nossa volta: entre nós: a seu lado: dentro de você” (ABREU, 2001, p.72). Eles são um povo por vir. E dos postulados deixados por eles: “[...] importante é a luz, mesmo quando consome; a cinza é mais digna que a matéria intacta e a salvação pertence apenas àqueles que aceitarem a loucura escorrendo em suas veias” (ABREU, 2001, p.62) ecoa a perspectiva deleuziana-guattariana de que é necessário para encontrar-

se, abandonar o que se é, movimentar-se mesmo parado, traçar linhas de fuga num corpo sem órgãos e sem rosto. Investir numa revolução molecular que “[...] não se restringe as minorias, mas a todos os movimentos de indivíduos, grupos, etc. que questionam o sistema em sua dimensão da produção da subjetividade.” (GUATTARI; ROLNIK, 2007, p.162).

O conto “Iniciação” (ABREU, 2001) também lança luz sobre a ideia de indivíduos marcados, escolhidos, que depois de estabelecerem contato com seres vindos de outras esferas desenvolvem a capacidade que já possuíam, porém inerte, de perceberem a vida e as dimensões que a envolvem sob outro prisma. Neste, tudo muda para o narrador após o contato. Antes, ele confiava nos seus processos e acreditava na crença fácil de que “a vida era lenta” e ele “podia comandá-la”. Vivía como se não precisasse de ninguém e sentia-se “como um álbum de retratos” que guardava em si todas as “amarelecidas ausências”. Mas a partir do momento em que o outro aparece, seu território conhecido se desfaz e não mais o pode alimentar. Por um momento, o narrador-personagem ainda hesita, tentando se segurar em solos conhecidos:

[...] apertei as duas mãos contra a poltrona e tentei voltar às folhas amarelecidas do meu álbum. Ah como quis de repente estar outra vez debruçado na janela aberta para os jasmíns da ruazinha estreita. Como quis de repente aquela crença antiga e aquele cavalo jovem galopando no meu corpo. Como quis os jasmíns enquanto abria as portas para cruzar sete passagens tão amedrontado como se não me julgasse feito e consumado e consumido. Não tinha sequer uma memória quando ele começou a despir suas vestes vermelhas (ABREU, 2001, p.110).

Mas ele não poderia tê-la, pois a “[...] lembrança tem sempre uma função de reterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p.92) e o que ele está traçando são linhas de devir, “uma zona de vizinhança e de indiscernibilidade [...] uma relação não localizável arrastando os dois pontos distantes ou contíguos, levando um para a vizinhança do outro.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p.91). Linhas de segmentaridade dura, molar e linhas moleculares de segmentarização maleável interpenetrando-se para deixar passar linhas de fuga. Porque esta é a missão do visitante especial com o qual o narrador se comunica: fazer com que os outros também consigam desabrochar a mancha escura na testa; consigam “[...] desprogramar-se, programando-se segundo suas vontades individuais e segundo um mínimo de exigência do grupo, visando à ordem dentro da desordem absoluta.” (ABREU, 2001, p.114). Desterritorializar-se no intuito de traçar seus próprios territórios é a mensagem deixada e aceita pelo narrador, que no final entra num devir-árvore, não árvore-raiz, mas árvore-radícula, rizoma, na qual se entra por todos os lados e antigos

pólos como ausência e presença habitam o mesmo espaço. Ele passa a ser seu próprio dono e as coisas deixam de fazer parte de um álbum de retratos para serem partes dele. Então, colhe o “pequeno fruto escuro recém nascido no centro” de sua testa. “A marca”, terceiro olho, visão ampla.

Além desta forma de ver que os personagens caiofernandianos apresentam e que nos permite aproximá-los dos visionários de Deleuze e Guattari, eles também devem ser compreendidos como nômades. O que Marcelo Pen afirma no prefácio de *Caio 3D — o essencial da década de 1990* (ABREU, 2006, p.11) ao referir-se ao volume, porém sem deixar de considerar que a observação pode ser estendida a toda a produção de Caio, nos ajuda a entender uma característica importante na obra do escritor: seus personagens estão sempre em deslocamento. “Esse movimento pode efetuar-se de modo lento ou rápido, curto ou longo, calmo ou frenético, embora, no mais das vezes, corresponda à segunda de todas essas alternativas. Mas não se trata apenas de deslocamento físico, embora esse ocorra inúmeras vezes, entre locais ou no mesmo local. Os personagens de Caio como os nômades de Deleuze estão sempre em movimento, mesmo parados. Mesmo quando imóveis, há sempre um trajeto trilhado por eles, na busca de si mesmo ou do outro, e de si mesmo no outro. E é este movimento que vai traçando as linhas de um pensamento-acontecimento, hecceidade, que permite a ampliação da visão, almejada sempre, e explicitada nos contos analisados acima, porque como afirma Pen no prefácio de *Caio 3D — o essencial da década de 1990* (ABREU, 2006, p.12) “[...] uma via é uma ponte de acesso ao outro, uma senda aberta para o desconhecido, um convite ao encontro (e ao desencontro), uma forma de saber”.

Seus personagens não têm nomes; são mais hecceidades que subjetividades; se formam nas linhas traçadas, na metamorfose movente do acontecimento – dobrado, desdobrado, redobrado, na relação de forças que se agita no dentro, no fora e na interpenetração dos dois. Tudo se processa num CsO, conexão de desejos, no qual “[...] os encontros com o outro, não só o humano, geram intensidades que os autores definirão como ‘singularidades pré-individuais’ ou ‘proto-subjetivas’, sendo “o agenciamento de tais singularidades” o que “irá vazar dos contornos dos indivíduos, e que acaba levando a sua reconfiguração” (ROLNIK, 2000, p.453, grifo do autor). Nesse sentido, o jogo estético com a linguagem, o colocar a língua em variação contínua, ao fazer passar agenciamentos maquínicos produtores de enunciado, traçando ao mesmo tempo linhas criativas, linhas de fuga, permite ao leitor o despertar de zonas suas pelo despertar na ficção. Essa ideia é explorada no conto “O rapaz mais triste do mundo”, incluído em “Os dragões não conhecem o paraíso”, no qual as categorias literárias: narrador, personagem e narratário estão unidas e misturadas, como indica aquele que narra:

[...] eu sou os dois, eu sou os três, eu sou nós quatro. Esses dois que se encontram, esse três que espia e conta, esse quatro que escuta. Nós somos um – esse que procura sem encontrar e, quando encontra, não costuma suportar o encontro que desmente sua suposta sina. (ABREU, 2005, p.62).

Os personagens são relatados em muitos aspectos enquanto subjetividades projetadas pela ordem capitalística: frequentam bares noturnos, cruzam-se sem se olhar nas grandes cidades, personalizam-se vestindo as mesmas roupas oferecidas pelo mercado, “como mandam os tempos”, bebem e fumam os mesmos “cigarros viciosos” (ABREU, 2005, p.58). Eles podem ser enquadrados nessa imagem – sujeito noturno, “[...] navegam entre punks, mendigos, neons, prostitutas e gemidos de sintetizador eletrônico” (ABREU, 2005, p.55) e podem ser rostificados: o menino de menos de vinte anos em sua magreza e algumas espinhas e o homem de quarenta que passa a mão pelos cabelos calvos. Mas não é o que importa, o narrador insiste em focalizar a solidão, em ampliá-la para que tome proporções intensas capazes de se alastrar a ponto de mostrar que “há tanta sede entre eles, entre nós” (ABREU, 2005, p.61). Ele quer “[...] dar-lhes vida, mesmo essa precária, de papel, onde Zeus Olimpo Oxalá Tupã também exercem seu poder sobre predestinados simulacros” (ABREU, 2005, p.57). Quer deixar que se tracem as linhas nesses corpos sem órgãos, de intensidades, de fluxos, de hecceidades, devires, desejo. Essa é a única forma de romper com representações subjetivas pré-determinadas e que visam à homogeneização porque tanto neste conto como em toda a obra de Caio, cujas subjetividades que se figuram literariamente se produzem na dobra, há o reconhecimento iluminado na e pela ficção de que a

[...] ordem capitalística produz os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se transa, como se fala, e não pára por aí. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro – em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. (GUATTARI; ROLNIK, 2007, p.51).

Por isso, a solidão, a insatisfação e a dificuldade de estabelecer relações sólidas que ultrapassem o artificial das imagens rotuladas e estereotipadas fabricadas no contexto nosso, de Caio e dos personagens de Caio são aspectos presentes na narrativa do escritor que apontam para a necessidade de questionar essa forma de subjetividade produzida e imposta pelo capitalismo, que embora insista, apoiando-se no marketing, na necessidade de nos personalizarmos, nos esvazia e nos despersonaliza. “É preciso estar com as sete portas abertas para saber quando algo se modifica” (ABREU, 2001,

p.65)<sup>13</sup>, é preciso seguir traçando essas linhas do novo no velho agora, apropriar-se do que dispomos para que se processe nossa singularização, alargar o nosso modo de ser no movimento da dobra. Caso contrário, o encontro com o outro (busca recorrente na ficção do escritor<sup>14</sup>) nunca acontecerá, pois “[...] uma união verdadeiramente perfeita é aquela na qual cada um aceita que existam no outro grandes espaços desconhecidos” (DELEUZE; GUATTARI 1996, p.59). Sendo assim, é preciso encontrar esses espaços desconhecidos do outro buscando conexão e não dominação. É preciso não aceitar essa subjetividade dada *a priori*, porque o despertar é reconhecê-la não pronta, mas processual.

FORSTER, G. da S.; SILVA, V. L. L. V. da. The deterritorialization of “the self” in Caio Fernando Abreu’s short stories. **Revista de Letras**, São Paulo, v.51, n.1, p.91-108, jan./jun, 2011.

- **ABSTRACT:** *Subjectivity in Caio Fernando Abreu’s fiction should not be apprehended in the light of the Cartesian Cogito because it expresses a subjective experience as well as specific subjectivation which do not refer to a personal self, rather, it relates to the way a given set of power relation produces the curvature. Being so, the Deleuzian concept of curve is a relevant tool to understand the fictional, subjective experience of the writer’s work. In his artistic production, the classic image of the universal subject is replaced for the thought-event idea, where the exterior part is inseparable from its interior one and the movement processed in the author’s short stories includes the interposition of the inside and the outside; therefore, such procedure can be understood as one which goes against the State apparatus. In order to understand the writer’s artistic production as a war machine, I intend to analyze some of his short stories where the characters are similar to those visionary ones as pointed by Deleuze and Guattari: they are aware of the intolerable within a situation and open up a new field of possibilities.*
- **KEYWORDS:** *Caio Fernando Abreu. Deleuzian-Guattarian curve. Short stories.*

---

<sup>13</sup> Trecho extraído do conto “O afogado” incluído em *O ovo apunhalado* (ABREU, 2001).

<sup>14</sup> Essa hipótese foi desenvolvida na minha dissertação intitulada *O outro como porto na (auto) ficção de Caio F.: uma procura ir-remediável?* (FORSTER, 2011).



## Referências

ABREU, C. F. **O ovo apunhalado**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

\_\_\_\_\_. **Caio 3D**: o essencial da década de 1980. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

\_\_\_\_\_. **Caio 3D**: o essencial da década de 1990. Apresentação por Marcelo Pen. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

BADIOU, A. Da vida como nome do ser. In: ALLIEZ, E. (Org.). **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. Coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2000. p.159-167.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **A dobra**: leibniz e o barroco. 5.ed. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Campinas: Papirus, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995a. v.1.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1995b. v.2.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Sueli Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996. v.3.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Sueli Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997a. v.4.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Peter Pál Pelbrat e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997b. v.5.

FORSTER, G. da S. **O outro como porto na (auto) ficção de Caio F**: uma procura ir-remediável? 2011. 119f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – FURG – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2011.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2007.

PELBART, P. P. O tempo não-reconciliado. In: ALLIEZ, E. (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. Coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2000. p.85-97.

ROLNIK, S. Esquizoanálise e antropofagia. In: ALLIEZ, E.(Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. Coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2000. p.451-462.

TELLES, L. F. Prefácio. In: ABREU, C. F. **O ovo apunhalado**. Porto Alegre: L&PM, 2001. p.13-14.

VIDAL, E. A. Heterogeneidade Deleuze-Lacan. In: ALLIEZ, E. (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. Coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2000. p.479-491.

ZOURABICHVILI, F. Deleuze e o possível: sobre o involuntarismo na política. In: ALLIEZ, E. (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. Coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2000. p.333-355.